# 5. O Mito De “Retrotradução" De Erasmus

5. THE MYTH OF ERASMUS' "BACK TRANSLATING"

Capítulo 5 do livro *The Great Bible Text Fraud* ("A Grande Fraude [Cometida] Sobre O Texto Da Bíblia"), do site christianhospitality.org, sem nome do autor.

<https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/>

[traduzido para português por Google. Apenas complementei as informações no título e 1as linhas. Gostaria se alguém revisasse esse capítulo, melhor ainda se traduzisse todo o livro. Não concordo com várias coisas do site, que parece apoiador de W. M. Branham, mas concordo com a linha principal deste capítulo deste livro]

O ataque crítico do texto ao Textus Receptus envolveu um desvio e uma finta. O desvio foi desviar a atenção da base real do Textus Receptus, que é a magnífica edição de 1550 fólio de Robert ÉStienne, Robertus Stephanus, da Imprensa Real de Paris. Era difícil desacreditar esse grande impressor erudito ou suas fontes, sendo as últimas principalmente um conjunto de quinze manuscritos muito antigos e corretos obtidos na Biblioteca do próprio rei da França. Stephanus enfatizou sua excelência. O grande estudioso da Reforma Beza colocou seu selo de aprovação nessas fontes, bem como nos métodos editoriais de Stephanus e nas edições resultantes delas. Os manuscritos foram devolvidos à Biblioteca Real assim que o trabalho foi concluído, mas, como os usados ​​pela equipe Complutensian, desde então “desapareceram”. A destruição causada pode ser ilustrada pelo fato de que no *locus classicus*de I João 5. 7 até mesmo o conjunto diferente de manuscritos de Estéfano com uma leitura variante (sete manuscritos omitindo apenas as palavras "no céu" naquele versículo) não são mais encontrados em nenhum lugar do mundo, - de fato, nenhuma leitura é atestado em qualquer manuscrito existente, -à parte os manuscritos mais numerosos e corretos que Estéfano seguiu no corpo principal do texto e que, pela antiguidade, segundo o seu próprio testemunho, eram quase dignos de “adoração”. Visto que as primeiras edições impressas são equivalentes, em todos os aspectos, às autoridades manuscritas, todas as empregadas por Stephanus deveriam ser adicionadas, aos poucos, à lista de testemunhas a respeito de qualquer leitura grega no Novo Testamento. Os hostis Doutores teológicos da Sorbonne já exigiam de Stephanus informações detalhadas sobre os manuscritos que ele usava para imprimir suas Bíblias antes de sua fuga forçada para Genebra, e trezentos anos de queima de livros, expurgos e indexação depois disso por oponentes da Reforma garantiram sua remessa ao esquecimento. É hipócrita para os críticos do Textus Receptus após a fúria censorial de todo o continente e séculos da Contra-Reforma exigir a produção desses manuscritos antes de aceitarem a autenticidade do trabalho de Stephanus: suas Bíblias, por exemplo, foram especificamente direcionadas no Índice proibitivo e expurgatório das autoridades eclesiásticas romanas por mais de duzentos anos após sua morte. Devido em parte, então, à incapacidade de diminuir o crédito das fontes de Stephanus, e em parte à nobreza do próprio caráter de Stephanus, e à ousadia de seu testemunho cristão em nome da Reforma Luterana (pela qual ele sofreu perseguição e perda pessoal), os críticos de texto acharam mais conveniente concentrar seu fogo no texto publicado em várias edições ao longo de vinte anos e mais anteriores a Stephanus pelo erudito renascentista Erasmus. Erasmo foi um pioneiro no campo, mas conseguiu definir e identificar o texto bizantino genuíno que havia sido mutilado durante o período medieval por corretores que o acomodaram à Vulgata de Jerônimo. Seu texto, estabelecido em cinco edições, de 1516 a 1535, concordou notavelmente com o texto de Stephanus 1550. Temos, portanto, duas testemunhas independentes da correção do Textus Receptus, embora a palma vá para a edição de Stephanus, em vista do superior. qualidade de suas fontes. O desvio crítico do texto foi afirmar que o Textus Receptus publicado por Stephanus era pouco mais do que uma reimpressão do texto anterior de Erasmo. Além disso, Erasmus, como todos os pioneiros, teve que superar obstáculos formidáveis ​​para alcançar seus objetivos. Sua luta para identificar o texto grego correto, e os becos sem saída e atalhos textuais que ele foi forçado a negociar, deixaram-no aberto a ataques. A finta crítica do texto era interpretar erroneamente as declarações feitas por Erasmo no processo daquela luta como indicadores de que Erasmo agiu de forma nefasta em sua produção do Testamento grego.

A ideia de que o grande erudito da Renascença Erasmo deveria ser culpado de “retrotraduzir” do latim para o grego e, portanto, de “inventar” um texto grego antigo do Novo Testamento, é tão ridícula que se poderia pensar que nenhum erudito moderno poderia considerá-la. Mas toda uma geração de críticos de texto adotou precisamente essa crença, em um espírito totalmente oposto ao de um verdadeiro crítico.

O mito da “retrotradução” de Erasmo anda de mãos dadas com a lenda de que ele incluiu as “Três Testemunhas Celestiais” de 1 João 5. 7 em sua terceira edição do Novo Testamento grego, apenas quando forçado a fazê-lo contra o seu melhor julgamento. Devemos lidar com a lenda primeiro. Supostamente, Erasmo havia feito uma promessa pública de inserir a passagem referente às “Três Testemunhas Celestiais”, se algum erudito pudesse encontrar um único manuscrito grego que a contivesse. Ao ser apresentado a um manuscrito “britânico” que, sem o seu conhecimento, havia sido forjado para incluir a leitura especialmente para enfrentar seu desafio “retrotraduzido” do latim, Erasmo relutantemente o inseriu, e apenas porque ele havia dado sua palavra. Esta lenda foi desmascarada por pesquisadores modernos de Erasmus.*aberat* , *menos*) passagem em I João 5. 7, ele o teria incluído em suas duas primeiras edições; 2) Erasmus acrescentou que não foi negligente, como foi acusado de ser por Lee, ao omitir a passagem, e sua prova estaria no resultado deste desafio: que Lee deveria fornecer a ele um único manuscrito grego contendo isso, e então, adicionalmente, provar que Erasmus poderia ter tido acesso a ele; deve-se notar aqui que Lee afirmou que Erasmo “certamente” teria encontrado tais manuscritos gregos, se tivesse examinado cuidadosamente, o que implica que vários eram conhecidos por Lee; 3) Erasmus em uma ocasião posterior estava recebendo um manuscrito grego de origem "britânica", que incluía a passagem, mas Erasmus suspeitou que este manuscrito em particular não era apenas de data relativamente recente, mas também pode ter sido "retrotraduzido", em partes de seu texto, da Vulgata Latina, como ele sabia, era uma prática em tempos anteriores. Ainda assim, fornecia a passagem em grego, e suas dúvidas sobre a qualidade do manuscrito como um todo não superavam a necessidade de fornecer o que ele aceitava, sem dúvida, estar "faltando" neste lugar do texto grego, então Erasmo inseriu da leitura contida no manuscrito britânico. A forma particular da passagem na terceira edição de Erasmo (1522) e outras citações dele dos versos adjacentes da Epístola de João são idênticas às encontradas em um manuscrito "britânico", localizado no Dublin Trinity College, Codex Montfortianus de século 15 ou início do século 16, e é presumido pela maioria das autoridades esta foi a fonte “britânica” de Erasmus. À luz da acusação de que o manuscrito "britânico" foi produzido "sob encomenda" para refutar Erasmus, deve-se notar que o Codex Montfortianus, embora sem grande valor textual de outra forma (como Erasmo, nesse caso, percebeu), tem uma combinação única de leituras que não são encontradas em nenhuma outra fonte, e é improvável, portanto, que tenha sido produzida apenas para fornecer a Erasmo o texto grego das “Três Testemunhas Celestiais”. Se esse fosse seu propósito, teria sido de um tipo mais típico do começo ao fim.

Este não foi o fim da história. Na época em que Erasmo lançou sua quarta edição, havia um texto grego melhor disponível para ele do que ele havia encontrado no manuscrito “britânico”. Esse foi o Testamento grego publicado pela sanção oficial da própria Igreja Católica Romana como uma parte principal da Bíblia Poliglota Complutense do Cardeal Ximenes de Alcalá, na Espanha. No pós-escrito no final do Apocalipse, esta obra é datada de 10 de janeiro de 1514, embora não tenha sido disponibilizada ao público até 1522. O texto grego, portanto, é anterior à primeira edição de Erasmo. É um texto do tipo bizantino e bem produzido. Os manuscritos contendo o Testamento grego foram obtidos pelos editores Complutensianos da Biblioteca Papal, mas desde então, infelizmente, foram perdidos de vista. De acordo com o prefácio, eram as “cópias mais antigas e corretas” (exemplaria vetustissima et emendatissima). Entre eles estava um manuscrito “rodiano” frequentemente referido pelo editor principal Stunica e por Erasmus. O texto complutensiano incluía as "Três Testemunhas celestiais", e Erasmo modificou seu texto final e aprovado de 1 João 5. 7 dessa fonte, embora a única diferença textual entre a versão melhorada e a anterior fosse a adição do texto complutense do Artigo definido grego para “o” Pai, “a” Palavra e “o” Espírito Santo.

Em um outro aspecto, Erasmo, sabiamente, não seguiu o Complutense, e isso foi na omissão no Complutense da última frase em I João 5. 8, “e estes três concordam em um [gr. *eis to ' en* ] ”(referindo-se ao espírito, à água e ao sangue), e na transferência no complutense da frase idêntica em grego *eis to ' en* , como se significasse“ um ”(unum sunt), quando realmente significa “concordar em um”, com o versículo 7, com referência ao Pai, Palavra e Espírito Santo. Lá, no versículo 7, estava no complutense em vez do grego autêntico *' en*, simplesmente, o que significa são “um”, como na leitura de Erasmus do manuscrito “britânico”. Os editores complutensianos foram bons o suficiente para fornecer uma nota marginal a esta passagem, mostrando o que eles tinham feito e por que, mas Erasmus ignorou. Não surpreenderá o leitor descobrir que a omissão e a transferência relacionada surgiram por causa da corrupção textual da Vulgata de Jerônimo. O texto em latim de Jerônimo omitia as "Três Testemunhas Celestiais", mas também afirmava que as testemunhas terrenas, espírito, água e sangue, "são um" ("unum sunt" em Fuldensis e Amiatinus), em vez do correto "concordar em um" , de acordo com o grego *eis para ' en*. O propósito desta alteração transparece: omitindo as "Três Testemunhas Celestiais", o texto de Jerônimo refletia a negação Artemonita de que o Espírito celestial de Deus era distinto do espírito humano em Jesus, então declarando que o espírito, água e sangue realmente eram " um ”, isto é, um em substância, os três elementos materiais terrenos provaram ser, não três substâncias diferentes, mas *uma única substância divina* que meramente“ parecia ”( *dokeo* ) ser três. Em sua própria época, Jerônimo, junto com seu bispo Dâmaso, foi acusado de sabelianismo (Jerônimo, Epistolae XV. 3, ad Damasum, Migne PL XXII. Col. 356). Jerome rejeitou a acusação e, na verdade, ele não era, estritamente falando, um Sabellian: ele era um Callistian, - embora a diferença entre a doutrina Noetiana de Calisto, bispo da Primeira Igreja de Roma no primeiro quartel do século III DC, e a do guru Sabélio, um membro da congregação de Calisto, fosse difícil de definir, mesmo para os Hipólito, que conhecia os dois hereges pessoalmente. Na verdade, a doutrina de Jerônimo incluía a crença, de acordo com as próprias palavras do próprio Jerônimo (ibid. 4, col. 357) ao refutar a acusação de heresia, que “todas as coisas criadas além disso *apenas parecem ser, e não são* ... *somente Deus* que é eterno, quem não tem começo, *realmente carrega a denominação 'ser'* . [1](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote1sym)“Esta é a crença Noetiana / Sabelliana precisamente. Portanto, é claro, as três substâncias do espírito, água e sangue, entre as demais, eram apenas três na aparência e, na realidade, uma essência divina. A heresia docetista (sabelliana) consagrada no texto de Jerônimo foi assim confirmada.

A seqüência de eventos decorrentes da emenda de Jerônimo é facilmente explicada. Quando, no decorrer do período medieval, as "Três Testemunhas Celestiais" foram reinseridas em algumas cópias latinas de textos em latim antigo e foram corretamente descritas como sendo "uma" ("unum sunt"), o grego era "voltar traduzido ”para ser lido de forma idêntica em ambas as orações *eis to ' en,* visto que o latim é lido da mesma forma agora em ambas as orações (“ unum sunt ”) *.* Com propriedade, é claro, o grego *eis to ' en* não significa “são um”, mas “concordam em um”. Assim, a crença poderia surgir, ou ser estabelecida, com base no entendimento de que o latim “unum sunt” (“são um”) é o mesmo que o grego *eis to ' en* (um em concordância), que o Pai, a Palavra e o Espírito Santo “são um” apenas por acordo, ou que a unidade da Trindade não é de substância, mas de consentimento. o omissão da cláusula final em 1 João 5. 8 é comum em textos latinos do período medieval posterior e reflete a decisão de um Concílio eclesiástico, o Quarto Latrão de 1215 DC. Por razões dogmáticas, a fim de se opor à doutrina do Abade Joachim que a Trindade era de fato apenas uma unidade de consentimento, ao invés de substância, a frase foi tirada de cópias latinas em relação ao espírito, água e sangue. Joachim havia inadvertidamente exposto a heresia oculta por trás do latim da Vulgata: três substâncias materiais diferentes nunca poderiam ser descritas como "uma em substância" (exceto por um herege docetista), portanto, não poderiam ser chamadas de "um" ("unum sunt" ), nem em grego *eis para ' en*, que foi incorretamente entendido como "são um", com base na leitura latina comum. A solução de Tomás de Aquino foi que esta cláusula final em I João 5. 8 não existia nas *cópias verdadeiras* , e *foi dito*Os arianos o inseriram para subverter a doutrina da Trindade. A nota nesse sentido foi incluída na margem Complutensiana. Depois do Quarto Concílio de Latrão, a frase final em 1 João 5. 8 foi comumente retirada do texto. É claro que todo esse procedimento demonstra a falta de respeito pelas Sagradas Escrituras, característica da Igreja Romana durante a Idade Média. Seu dogma não era baseado na Escritura, a Escritura foi alterada para se adequar ao dogma. É exatamente o método seguido por Jerônimo já no século IV. Também demonstra por que os textos individuais por si só, não importa quantos anos, não são suficientes para determinar a verdadeira leitura das Escrituras. Uma compreensão histórica dos métodos adotados pelos transmissores do texto é necessária para evitar erros textuais.

Em conclusão, pode ser deduzido do uso de Erasmus da palavra "ausente" com referência às "Três Testemunhas Celestiais" em sua correspondência com Lee, então, de sua inclusão dessa passagem em uma forma particular, embora de uma fonte de qualidade inferior , no terceiro, e sua retenção dele, na forma ligeiramente melhorada, e com o apoio do texto complutense amplamente aceito, em cada edição subsequente do Novo Testamento, que a opinião madura e considerada deste brilhante Renascimento erudito, era que a passagem em si era autêntica. Se o crítico recalcitrante decidir fixar-se na suspeita de Erasmo de "retrotraduzir" da Vulgata latina no manuscrito "britânico", e então concluir que as "Três Testemunhas Celestiais" foram "retrotraduzidas" da Vulgata latina também, deve ser apontado,*não incluiu*as “Três Testemunhas Celestiais” em tudo! Portanto, não havia nada originalmente para "retrotraduzir". Ou melhor, existia nos tempos medievais uma infinidade de textos latinos que combinavam, de forma totalmente confusa, passagens “corrigidas” de acordo com a Vulgata de Jerônimo, com passagens não corrigidas retidas das versões em latim antigo (pré-Vulgata). Algumas dessas leituras em latim antigo representavam com precisão o texto apostólico original. Foi a partir dessa tradição textual confusa que as edições posteriores da Vulgata foram elaboradas e passadas como a “Vulgata Latina oficial”. A Vulgata comumente aceita dos dias de Erasmo era uma delas, e incluía as "Três Testemunhas Celestiais", preservando, neste caso, completamente contrário ao sistema original da Vulgata Latina autorizada pelo próprio Jerônimo, o texto grego autêntico pré-niceano . Então,

Mas este argumento só é válido em relação à inserção anterior na terceira edição de Erasmo, que foi obtida do manuscrito “britânico”, e que assumiu (com ênfase em assumido) ser o Codex Montfortianus. Não tem qualquer relação com a leitura complutensiana que Erasmo usou para produzir seu texto final e aprovado. Isso estava disponível para publicação antes de Erasmo lançar sua primeira edição, e foi o texto oficialmente sancionado pelas autoridades eclesiásticas romanas. Ninguém poderia acusar os editores complutensianos de “retrotraduzir” para confundir Erasmus. Isso não restringiu os defensores mais fanáticos do Codex Vaticanus e do tipo de texto “Alexandrino”, no entanto, que identificaram “retrotraduções” em cada canto do texto, e no Complutensian, sempre que a leitura não lhes convinha. Os críticos de Erasmus aqui estão presos entre uma rocha e um lugar duro. Se eles desejam afirmar que a leitura complutensiana foi "retrotraduzida" para provar que a primeira edição de Erasmus era defeituosa, eles têm que aceitar, é claro, que foi impressa após a primeira edição de Erasmus, e que, por sua vez, confirmaria que Erasmus era o primeiro a imprimir um Testamento grego. Se eles desejam privar Erasmo dessa honra, eles têm que assumir que a data 1514 no meio complutense foi impressa então, e foi, portanto, a primeira edição impressa, embora não seja oferecida ao público até mais tarde (c. 1522), e em nesse caso, eles não podem acusá-lo de conter uma leitura fabricada para embaraçar Erasmus. que foi impresso após a primeira edição de Erasmo e que, por sua vez, confirmaria que Erasmo foi o primeiro a imprimir um Testamento grego. Se eles desejam privar Erasmo dessa honra, eles têm que assumir que a data 1514 no meio complutense foi impressa então, e foi, portanto, a primeira edição impressa, embora não seja oferecida ao público até mais tarde (c. 1522), e em nesse caso, eles não podem acusá-lo de conter uma leitura fabricada para embaraçar Erasmus. que foi impresso após a primeira edição de Erasmo e que, por sua vez, confirmaria que Erasmo foi o primeiro a imprimir um Testamento grego. Se eles desejam privar Erasmo dessa honra, eles têm que assumir que a data 1514 no meio complutense foi impressa então, e foi, portanto, a primeira edição impressa, embora não seja oferecida ao público até mais tarde (c. 1522), e em nesse caso, eles não podem acusá-lo de conter uma leitura fabricada para embaraçar Erasmus.

Pondo de lado essas animosidades ridículas e acríticas, podemos dizer com certeza que os editores complutensianos não nutriam amor por seu texto grego, que olhavam com desconfiança em comparação com o texto da Vulgata latina. A coluna grega era, como eles viam, um “ladrão crucificado” pendurado ao lado da coluna “Salvador”, ou seja, a Vulgata latina. Sua atitude é compreensível, embora equivocada, dado seu sabor bizantino e, portanto, anti-Vulgata. Eles feliz e claramente marcaram onde ele diferia do latim, e não tinham interesse em fabricar "retrotraduções" para fazer as colunas coincidirem.

No que diz respeito às “Três Testemunhas Celestiais” no Textus Receptus, a acusação de “retrotraduzir” é um assunto morto. O Textus Receptus é baseado diretamente nas edições impressas pelo grande erudito impressor da Renascença, Robertus Stephanus, que concordou nesta seção com as edições finais, quarta e quinta de Erasmo, e teve o apoio do Complutensian. O mesmo texto foi posteriormente reproduzido em grande parte pelos Elzevirs. Stephanus tinha toda uma série de manuscritos valiosos da Biblioteca Real de Paris contendo a mesma leitura das últimas edições de Erasmo, bem como alguns (que ele rejeitou), omitindo apenas as palavras "no céu" em I João 5. 7 .

Descobriremos que, aos poucos, um duplo padrão é aplicado na questão da “retrotradução”. Quando a questão é das "Três Testemunhas Celestiais", a "retrotradução" é assumida como uma coisa natural pelo "crítico" moderno, que concentra seu fogo no manuscrito "Britsh" de segunda categoria de Erasmus e ignora o fato condenatório de que O texto final de Erasmo teve o apoio do Complutensian: foi aprovado pelas mais altas autoridades do sistema católico romano, e entre elas os críticos vociferantes de Erasmo. Mas quando se trata da prática real de "retrotradução" adotada no período medieval por escribas que alteraram o texto bizantino grego para ficar de acordo com a corrupta Vulgata latina, o "crítico" moderno afirma que é uma invenção da imaginação.

De tudo isso podemos ver claramente qual era a visão de Erasmo de “retrotraduzir” do latim. Deveria ter atingido os críticos de Erasmo que, se ele tivesse, de fato, se entregado à prática ele mesmo, então ele poderia simplesmente ter “retrotraduzido” o texto ausente das “Três Testemunhas Celestiais”. Não houve necessidade de procurar um códice grego contendo a leitura. Com algumas pinceladas de sua caneta, o hiato problemático teria sido preenchido. O tempo e esforço que Erasmo gastou para obter este e aqueles outros textos ausentes nos manuscritos gregos inicialmente disponíveis para ele, provam sua fidelidade em aderir ao texto grego bizantino como atestado nas “cópias mais antigas e corretas”.

O mito da “retrotradução” do próprio Erasmus do latim para o grego deve ter um contexto histórico particular, portanto, para explicar sua gênese. Esse também foi o acalorado debate que se seguiu à publicação de Erasmo de sua primeira edição do texto grego bizantino do Novo Testamento. O erudito oponente de Erasmo, Sepúlveda, objetou ao fracasso de Erasmo em usar o Codex Vaticanus na publicação de seu texto. (Para a correspondência relevante, ver Sepulvedae Opera, Madrid, 1780, Letters of Erasmus and Sepulveda, 1534.) Erasmus respondeu que tinha boas razões para rejeitar o Vaticanus. Manuscritos gregos no Ocidente eram conhecidos por serem emendados (“retrotraduzidos”) por referência ao latim. Erasmo afirmou que, quando os Cristãos Ortodoxos Gregos foram admitidos na comunhão latina no Concílio Florentino em 1439 DC, incluída nos artigos do acordo estava a estipulação de que suas Bíblias gregas deveriam ser “corrigidas” para coincidir com a Vulgata Latina. Sepúlveda respondeu que não tinha visto tal artigo, isto é,*por escrito*, e Erasmus rebateu que sua informação era da fonte mais elevada, que ele havia recebido a informação verbalmente pelo Bispo Cuthbert Tunstall de Durham, Inglaterra, que lhe assegurou que era esse o caso, quer o procedimento vergonhoso fosse incorporado ao oficial conta do pacto. O próprio Sepúlveda admitiu como “provável” pelo menos uma dessas emendas do grego em conformidade com o latim. (Carta de Sepulveda em Erasmi Opera, iii. Col. 1762.) É interessante notar aqui, Erasmus implicitamente associado Codex Vaticanus com a prática de "retrotraduzir", e isso pode muito bem ser porque ele estava ciente de sua compatibilidade com o Vulgata, e da admissão do autor da Vulgata de que ele “corrigiu” manuscritos gregos para coincidir com o texto latino. É óbvio, à luz desta disputa,

O mito da “retrotradução” de Erasmus é baseado em uma interpretação errônea (para colocá-lo da forma mais amável possível) de declarações feitas por Erasmus em sua Apologia dirigida a Stunica da equipe Complutensiana, em suas Anotações ao Apocalipse, o Livro de Revelation, e em suas respostas às críticas de Lee. Erasmo usou uma expressão no curso de sua Apologia dirigida a Stunica que foi mal compreendida pelo pietista Bengel do século XVIII (uma das duas luzes principais do pietismo naquela época, a outra sendo Zinzendorf), e o mal-entendido encorajou Bengel a ceder menos crédito do que o merecido ao trabalho de Erasmus no Livro do Apocalipse. Este foi um trampolim para o trabalho crítico do próprio Bengel sobre o texto, que era de particular interesse para ele como estudante de profecia bíblica. Semler assumiu as iniciativas de Bengel no campo da crítica textual, e Griesbach deu continuidade a Semler. Griesbach, no final do século XVIII, produziu um texto crítico e uma teoria crítica que forneceram o modelo para o ataque do século XIX ao Textus Receptus. O próprio Bengel era um estudioso consciencioso, embora sujeito a ataques de exegese errática, como sua predição, baseada em uma interpretação idiossincrática das declarações cronológicas no Livro do Apocalipse, de que Cristo voltaria em 18 de junho de 1836! Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. Griesbach, no final do século XVIII, produziu um texto crítico e uma teoria crítica que forneceram o modelo para o ataque do século XIX ao Textus Receptus. O próprio Bengel era um estudioso consciencioso, embora sujeito a ataques de exegese errática, como sua predição, baseada em uma interpretação idiossincrática das declarações cronológicas no Livro do Apocalipse, de que Cristo voltaria em 18 de junho de 1836! Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. Griesbach, no final do século XVIII, produziu um texto crítico e uma teoria crítica que forneceram o modelo para o ataque do século XIX ao Textus Receptus. O próprio Bengel era um estudioso consciencioso, embora sujeito a ataques de exegese errática, como sua predição, baseada em uma interpretação idiossincrática das declarações cronológicas no Livro do Apocalipse, de que Cristo voltaria em 18 de junho de 1836! Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. O próprio Bengel era um estudioso consciencioso, embora sujeito a ataques de exegese errática, como sua predição, baseada em uma interpretação idiossincrática das declarações cronológicas no Livro do Apocalipse, de que Cristo voltaria em 18 de junho de 1836! Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. O próprio Bengel era um estudioso consciencioso, embora sujeito a ataques de exegese errática, como sua predição, baseada em uma interpretação idiossincrática das declarações cronológicas no Livro do Apocalipse, de que Cristo voltaria em 18 de junho de 1836! Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete. Isso deveria nos alertar para tomar cuidado com as novas teorias abordadas por Bengel e examinar com mais diligência do que o normal as declarações feitas por ele em apoio a tais teorias. A crítica de Bengel à obra textual de Erasmo no Livro do Apocalipse cai neste colchete.

Bengel (Bengelius, Apparatus Criticus ad Novum Testamentum, 2ª ed., Burkius, 1763, p. 495) leu na Apologia de Erasmus dirigida a Stunica a seguinte passagem: “Em Apocalypsi non suppetebat nobis nisi vnicum exemplar, sed vetustissimum, quod nobis exhibuit eximius ille litterarum heros Ioh. Reuchlinus. ” Isso significa: “Para o Livro do Apocalipse, apenas [não ... nisi] uma cópia estava imediatamente disponível para nós (ou, serviu ao nosso propósito), mas era uma cópia muito antiga, que John Reuchlin, aquele ilustre herói das ciências literárias forneceu para nossa leitura. ” Erasmus diz aqui que ele tinha um *único* manuscrito grego para o livro do Apocalipse imediatamente disponível (suppetebat, ou seja, "à mão"), ou, alternativamente, adequado para o propósito para o qual foi necessário (suppetebat = sufficiebat, "ser adequado, suficiente"), e que foi fornecido a ele por Reuchlin. Em sua Apologia dirigida a Lee (Antuérpia 1520, *infra* ), Erasmus repete essa afirmação, mas deixa claro que a ocasião foi quando ele estava ausente da Basiléia especificamente com o propósito de consultar o manuscrito de Reuchlin: *então* ele tinha *apenas* este manuscrito *pronto à mão* , ou , *exclusivamente adequado para os requisitos* ("quod tum nobis erat vnicum", ou seja, o manuscrito "que *naquele momento* [tum] foi o único [sc. disponível] para nós, ou, atendia exclusivamente aos nossos requisitos ”, usando a palavra idêntica“ vnicum ”para“ apenas um, único ”como na citação de Bengel), mas *na Basiléia* ele tinha outros disponíveis para ele, e ele também foi capaz de buscar leituras de outros lugares. As “cópias” (plural) que Erasmo tinha para o livro do Apocalipse são mencionadas várias vezes por ele, como será mostrado no relato a seguir. Infelizmente Bengel confundiu o significado: “Não mais do que uma cópia foi *sempre*disponível para nós. ” Além de ignorar o contexto histórico da declaração de Erasmo, o entendimento de Bengel descartou a interpretação alternativa da palavra "suppetebat", viz. “Adequado ao propósito requerido”, que é semanticamente tão natural quanto o primeiro. Ele concluiu, muito erroneamente, e em oposição ao que Erasmo realmente diz, que Erasmo só teve este único códice de Reuchlin para fornecer a ele o texto grego completo do Livro do Apocalipse para sua primeira edição.

Ao confundir o significado de Erasmo nesta frase, Bengel abriu uma caixa de Pandora de perguntas e anomalias a respeito das leituras de Erasmo no Livro do Apocalipse. (Id., Ibid., P. 496, 500.) Por exemplo, uma vez que o códice de Reuchlin estava com defeito no final, e omitiu as últimas frases do texto, onde Erasmo obteve o texto grego para essas últimas frases em sua primeira edição? Além disso, se Erasmus tivesse apenas o códice único de Reuchlin, como seu texto do Livro do Apocalipse difere ocasionalmente entre sua primeira, segunda e terceira edições? Uma possibilidade, especulou Bengel, era que as leituras do Complutensian não publicado tivessem de alguma forma chegado a Erasmus, outra era que ele usasse emendas conjecturais, uma terceira era que o manuscrito de Reuchlin (que Bengel havia pesquisado, mas falhou em localizar) continha glosas marginais que às vezes foram recebidas no texto de Erasmus. Em Apocalipse 2. 3, 5. 14, 17. 4 (8?) E 22. 11, Bengel suspeitou que o manuscrito Reuchlin estava defeituoso, devido à deterioração e desgaste, e que Erasmo havia suprido as deficiências dos manuscritos latinos. O códice de Reuchlin foi redescoberto por Delitzsch em meados do século XIX e as especulações de Bengel sobre sua qualidade e glosas marginais mostraram-se equivocadas. Os versos perdidos no final do Livro do Apocalipse mencionado por Erasmo estavam, no entanto, como ele disse, perdidos, devido à perda da página final. e que Erasmo havia suprido as deficiências dos manuscritos latinos. O códice de Reuchlin foi redescoberto por Delitzsch em meados do século XIX e as especulações de Bengel sobre sua qualidade e glosas marginais mostraram-se equivocadas. Os versos perdidos no final do Livro do Apocalipse mencionado por Erasmo estavam, no entanto, como ele disse, perdidos, devido à perda da página final. e que Erasmo havia suprido as deficiências dos manuscritos latinos. O códice de Reuchlin foi redescoberto por Delitzsch em meados do século XIX e as especulações de Bengel sobre sua qualidade e glosas marginais mostraram-se equivocadas. Os versos perdidos no final do Livro do Apocalipse mencionado por Erasmo estavam, no entanto, como ele disse, perdidos, devido à perda da página final.

Ocasionalmente (id., Ibid., P. 500), Bengel falou mais definitivamente sobre o uso da Vulgata por Erasmo como base para seu texto em algumas passagens no Livro do Apocalipse, como se ele tivesse "retraduzido" do latim onde o texto de Reuchlin falhou, mas ele não havia realmente descartado as outras possibilidades (id., ibid., p. 496). O efeito da crítica de Bengel, embora fundamentada em falsas premissas, foi que lhe permitiu uma certa latitude na seleção de leituras no Livro do Apocalipse diferentes daquelas do Textus Receptus, sobre a autoridade da qual ele poderia formular sua exegese profética idiossincrática. O mal-entendido de Bengel sobre a frase na Apologia de Erasmus foi copiado inadvertidamente por estudiosos posteriores, por exemplo, por Wetstein no início do século XVIII e Michaelis em seu final (Introdução ao Novo Testamento, trad. Marsh da 4ª ed. Alemã, 2ª ed. 1802, vol. II. pt. I, p. 312f.), E assim foi passada como “sabedoria recebida” para escritores do século XIX como Tregelles. A tendência de diminuir o número de autoridades gregas de Erasmo tornou-se mais pronunciada quanto mais profundo o erro de Bengel se entrincheirou no consenso crítico-textual. Declarações de Erasmo como a encontrada na Apologia introdutória à sua quinta edição que, assim como Valla usou sete códices gregos "bonae fidei" (manuscritos em forma de livro), ele usou "quatro" desses códices em sua primeira edição, e mais pois suas edições posteriores foram aproveitadas e mal interpretadas, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado e foi assim transmitido como “sabedoria recebida” a escritores do século XIX como Tregelles. A tendência de diminuir o número de autoridades gregas de Erasmo tornou-se mais pronunciada quanto mais profundo o erro de Bengel se entrincheirou no consenso crítico-textual. Declarações de Erasmo como a encontrada na Apologia introdutória à sua quinta edição que, assim como Valla usou sete códices gregos "bonae fidei" (manuscritos em forma de livro), ele usou "quatro" desses códices em sua primeira edição, e mais pois suas edições posteriores foram aproveitadas e mal interpretadas, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado e foi assim transmitido como “sabedoria recebida” a escritores do século XIX como Tregelles. A tendência de diminuir o número de autoridades gregas de Erasmo tornou-se mais pronunciada quanto mais profundo o erro de Bengel se entrincheirou no consenso crítico-textual. Declarações de Erasmo como a encontrada na Apologia introdutória à sua quinta edição que, assim como Valla usou sete códices gregos "bonae fidei" (manuscritos em forma de livro), ele usou "quatro" desses códices em sua primeira edição, e mais pois suas edições posteriores foram aproveitadas e mal interpretadas, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado A tendência de diminuir o número de autoridades gregas de Erasmo tornou-se mais pronunciada quanto mais profundo o erro de Bengel se entrincheirou no consenso crítico-textual. Declarações de Erasmo como a encontrada na Apologia introdutória à sua quinta edição que, assim como Valla usou sete códices gregos "bonae fidei" (manuscritos em forma de livro), ele usou "quatro" desses códices em sua primeira edição, e mais pois suas edições posteriores foram aproveitadas e mal interpretadas, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado A tendência de diminuir o número de autoridades gregas de Erasmo tornou-se mais pronunciada quanto mais profundo o erro de Bengel se entrincheirou no consenso crítico-textual. Declarações de Erasmo como a encontrada na Apologia introdutória à sua quinta edição que, assim como Valla usou sete códices gregos "bonae fidei" (manuscritos em forma de livro), ele usou "quatro" desses códices em sua primeira edição, e mais pois suas edições posteriores foram aproveitadas e mal interpretadas, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado portanto, ele usou “quatro” desses códices para sua primeira edição, e mais para suas edições posteriores, foram aproveitados e mal interpretados, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado portanto, ele usou “quatro” desses códices para sua primeira edição, e mais para suas edições posteriores, foram aproveitados e mal interpretados, para dar a impressão de que eram a soma total dos textos gregos que ele tinha disponíveis. Erasmus afirma mais de uma vez, como demonstrado*infra* , que ele tinha várias “cópias” (“exemplares”) até do mais raro texto, o Apocalipse. Para o último, em pelo menos uma instância, ele identifica sua fonte: viz. a edição não publicada de Aldine em Veneza, que foi baseada em manuscritos que diferem, em partes, daqueles desenhados por Erasmo para sua primeira edição. Nesse caso, uma leitura foi obtida, por instruções de Erasmus, por seus co-editores em Basileia, pessoalmente ou por correspondência, dos impressores Aldus. Os exemplares mencionados por Erasmus eram muito provavelmente, portanto, ou suas próprias cópias dos manuscritos "mais antigos e corretos", ou os de seus ilustres co-editores, suplementando os quatro documentos *originais* referidos *supra*. Um exemplo do primeiro é a "cópia revisada" de Erasmus (reconhecitum exemplar) do texto do Apocalipse obtido do códice de Reuchlin que ele enviou à Basiléia para seus co-editores, junto com as instruções para obter da edição Aldine aquele lendo que ele estava faltando.

Tregelles diferia da maioria dos críticos que o precederam em sua preocupação abrangente de reimpor as leituras textuais semelhantes à Vulgata do Codex Vaticanus e outros manuscritos do tipo de texto "Alexandrino" nas salas acadêmicas da Inglaterra Protestante, que até então tinham fielmente confirmou a autenticidade do texto de Erasmus. O único mal-entendido do latim de Erasmus por Bengel tornou-se uma infinidade de leituras errôneas por Tregelles. O importante papel desempenhado por Tregelles no que diz respeito ao restabelecimento das leituras rejeitadas por Erasmus é apontado em seu obituário do jornal Independent, 1 de julho de 1875: “Ele [2](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote2sym) *fez muito mais do que qualquer outro escritor* *[3](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote3sym)* para superar os cegos e preconceito irracional [4](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote4sym) que existia na Inglaterra em favor do*textus receptus* , e que valorizou a edição imprecisa e acrítica de Scholz [5](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote5sym) por causa de seus deméritos. A mudança de opinião sobre o assunto na conservadora Inglaterra nos últimos trinta anos é maravilhosa, chegando a quase uma revolução. A linguagem utilizada por Bloomfield no prefácio de seu Testamento grego, sobre a "temeridade" de Griesbach, e "seu perpétuo e, na maior parte, cancelamentos e alterações desnecessárias de todos os tipos", agora soaria muito estranho, a menos que talvez do Dr. Burgon ou de alguma alma gêmea. Embora os tratados do Prof. Porter e do Dr. Davidson, as obras do Rev. TS Green, os artigos do Prof. Westcott e do Sr. Hort e as edições posteriores do Testamento grego de Alford tenham contribuído para este resultado, ainda*ao Dr. Tregelles, o crédito por efetuar a mudança é eminentemente devido* . [6](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote6sym) ”

Um exemplo clássico da crítica destrutiva de Tregelles é seu tratamento da declaração de Erasmo sobre as frases que faltam no final do códice de Reuchlin. As próprias palavras de Erasmo são as seguintes (Annotationes in ed. 1516, p. 675): “Embora no final deste livro, [7](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote7sym) encontrei algumas palavras nos nossos textos, que faltavam nos exemplares gregos, aqueles no final fornecemos com base no latim (textos). ” O latim de Erasmus diz: *Quamque in calce huius libri, nonnulla uerba reperi apud nostros, quae aberant em Graecis exemplaribus, e a tamen ex latinis adiecimus*. Isso foi absurdamente interpretado por Wetstein no início do século XVIII, e posteriormente por Tregelles, como significando que as palavras que faltavam no final do texto grego de Erasmo do Livro do Apocalipse foram TRADUZIDAS DE VOLTA DA VULGADA LATINA POR ERASMUS, PORQUE SUPOSTAMENTE ELE NÃO TINHA OUTRA CÓPIA DO TEXTO GREGO DA REVELAÇÃO DO CODEX QUE ELE PEDEU DE REUCHLIN. Isso é o reverso do que Erasmus está dizendo. Ele se refere desde o início aos EXEMPLOS gregos (plural) aos quais teve acesso, e isso prova que ele tinha mais do que o códice de Reuchlin. Uma das muitas confirmações que Erasmo consultou vários manuscritos gregos do Livro do Apocalipse antes de publicar sua primeira edição é fornecida na mesma página de suas Anotações, onde ele observa: “Nos *manuscritos em forma de livro grego* *[8](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote8sym)* que eu vi, o título não era 'de João Evangelista', mas 'de João Teólogo' ”. Agora, essas cópias gregas, ele continuou a dizer, não tinham algumas palavras nelas no final do Livro do Apocalipse, que foram encontrados em “nossos” textos, ou seja, nos textos de língua latina de uso comum nos círculos eclesiásticos no Ocidente e, mais especificamente, no círculo editorial de Erasmo; entretanto, “nós”, isto é, o próprio Erasmo e seus companheiros editoriais, forneceram *essas mesmas palavras gregas ausentes* com base no latim. Observe que "nosso" (que significa "disponível para nós, editores ocidentais") é contrastado com "eu" (significando o próprio Erasmus), " *Eu* encontrei em *nosso*textos… ”etc .; e “nosso” é contrastado com “latim”. Erasmo não diz que encontrou palavras ausentes no "grego", mas presentes nas cópias "nossas", que "ele" então forneceu de "nossas" cópias (que é o que ele teria dito se tivesse "retraduzido") , mas ele diz "nós" (isto é, ele *e* seus co-editores) forneceram as palavras gregas que faltavam “ex latinis”. A última frase pode significar (a) "do [ex] latim (textos)", ou (b) "com base no [ex] latim (textos)", ou (c) "trabalhando do [ex] latim (textos) ) ”, Com a palavra“ textos ”em cada caso entendida, ou alternativamente (d)“ dos latinos ”, significando de fontes ocidentais, ou mais especificamente, de fontes italianas,“ Latim ”sendo um termo literário comum para italiano. Como no sentido (a) Erasmus poderia ser entendido como tendo “retrotraduzido” do latim para o grego, Lee o acusou de fazer exatamente isso. A repulsa de Erasmo pela “retradução” monacal do latim para o grego explica a indignação que ele dirigiu a Lee (“Os impudens! Boca impudente!”) Em resposta à sua acusação injustificada. Ele diz (Opera, ix, 1706, col. 150): “Não contente com isso, ele [Lee] me acusou de um *crime ímpio**[9](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote9sym)* … que no final do livro do Apocalipse adicionei um pequeno número de palavras em um códice grego de nossas cópias latinas ”. Erasmus, é claro, a este respeito, deve ser considerado inocente, até, e a menos, conclusivamente provado culpado. Ele prometeu*ibid.* para responder à acusação em sua resposta à nota de Lee CCXLIII, e é aí que encontramos a própria explicação de Erasmus dafrase "ex latinis" nas Anotações (Opera, ix, 1706, DC CCXLIII, col. 246, e veja em completo*infra*): Erasmus e seus co-editores preencheram o grego ausente em Apocalipse 22. 19*temporariamente*com o latim, aguardando a obtenção de uma cópia grega contendo o verso que faltava. Disse que incluiu esse fato em suas notas (“Anotações”), para que o leitor soubesse o que havia sido feito, e isso, deve-se entender, é o que encontramos impresso nas Anotações da edição de 1516. Evidentemente, Erasmus significava “ex latinis” nos sentidos (b) ou (c) *supra* . Em sua Apologia dirigida a Lee impressa em Antuérpia em 1520 (citada na íntegra *infra* ), este processo editorial é explicado em maiores detalhes: Erasmus instruiu seus co-editores a obter a leitura em grego que faltava na imprensa *veneziana* dirigida pela família e amigos de Aldus, que teve acesso a uma variedade de manuscritos gregos não imediatamente disponíveis para ele. Nesse ínterim, ele escreveu na cópia enviada aos seus co-editores a passagem em latim que o grego pretendia substituir. Eles fizeram como foram instruídos. Estando Veneza na Itália, o sentido (d) *supra* pode ser incluído na gama de possibilidade: que o grego ausente foi fornecido “dos latinos”, isto é, de fontes italianas. Se a nota original de Erasmus para seus co-editores lesse algo como "forneça o grego das impressoras Aldine 'ex latinis'", pode não ter ficado claro para os próprios editores e para o impressor da observação nas Anotações de 1516 edição conforme publicada, precisamente com o significado pretendido por Erasmus: seja “trabalhando de volta *do latim* com o qual eu preenchi temporariamente a lacuna e fornecendo o equivalente grego”, ou “*dos latinos* , isto é, dos italianos ”. De qualquer forma, o grego ausente foi fornecido pelos *textos gregos* dos impressores venezianos , como Erasmus instruiu. Em resposta a uma enxurrada de acusações de Lee de que Erasmus era culpado de acomodar o grego ao latim, ao contrário de seus próprios princípios, Erasmus apontou ( *ibid.* ) Que o procedimento recorrido aqui, - preenchendo uma lacuna percebida no grego texto, - foi necessário por causa da tradição do manuscrito único do freqüentemente disputado Apocalipse, uma vez que não estava nos Evangelhos e Epístolas mais bem atestados; além disso, o Apocalipse, por seu estilo simples e sua narração ordeira, tornou óbvia essa omissão, o floreio final em seu final e, portanto, facilmente perdido na transmissão. A declaração de Erasmo a este respeito ( *ibid.* ) De que ele e seus co-editores "não estavam dispostos a se aventurar a fazer nos Evangelhos ou nas Epístolas Apostólicas o que fizemos aqui", também foi mal interpretada por aqueles que ignoram o texto -motivo crítico, como admissão de culpa de sua parte em relação ao procedimento editorial que acabamos de descrever, quando se trata apenas de uma declaração de fato.

Wetstein deu um passo além do que Bengel em sua crítica a Erasmus. Além de copiar o erro de Bengel sobre o acesso de Erasmus ao único manuscrito de Reuchlin, Wetstein interpretou mal as duas passagens detalhadas de Erasmus nas respostas deste último a Lee a respeito dos últimos versos do Livro do Apocalipse, que são referidos brevemente no anterior parágrafo. Na primeira passagem, Erasmo observou que um único versículo, ou algumas "palavras" (verba perpauca), como ele disse, estavam faltando no grego, e esse versículo era Apocalipse 22. 19. Aqui, claramente Erasmo estava se referindo ao Cópias gregas (plural) às quais ele teve acesso, incluindo, mas não se limitando a, o manuscrito de Reuchlin. Desde Apocalipse 22. 19 no original condena qualquer um que "tira" as palavras do livro, alguém poderia pensar que a suspeita recairia inicialmente sobre os escribas latinos por terem deliberadamente omitido o versículo em seus textos gregos, a fim de lançar dúvidas sobre a ortodoxia das cópias gregas. No entanto, Erasmus pensava que o erro do escriba era o culpado, através de "homeoteleuton", isto é, que o escriba viu "este livro" no final de uma linha no versículo 18 e erroneamente pulou as frases intermediárias para reiniciar sua cópia na próxima ocorrência de “este livro” no versículo 19. Como ele disse, esta era uma fonte comum de omissões de escribas nos manuscritos medievais. Erasmus passou a dizer que no processo de edição de seu texto do Testamento grego ele forneceu as palavras que faltavam de "nossas cópias latinas" (significando os textos latinos disponíveis para Erasmus e seus co-editores, que continham o versículo) e marcou o que ele fez nas anotações que o acompanham, deixando uma lacuna no grego que poderia ser preenchida quando uma cópia grega com o versículo ausente fosse encontrada. Como veremos na segunda citação *infra* , o texto grego que faltava foi inserido pelos colegas editores de Erasmo antes de o texto ser publicado. Wetstein interpretou erroneamente esse procedimento editorial bastante correto como uma admissão de Erasmo de que ele "retraduziu" do latim em seu Testamento grego publicado.

As palavras de Erasmus são as seguintes, primeiro em latim, depois em tradução (Wetstein, Prolegomena in Novum Testamentum, 1764, p. 331f., Citando Erasmus “contra Leum §. 243” = Opera, ix, 1706, DC CCXLIII, col. 246 ):

“Quoniam Graecis nunquam magnopere placuit liber Apocalypseos, rarus habetur apud illos. Itaque quum cuperemus nihil abesse nostrae Editione, aegre extorsimus ab Inclyto viro Ioanne Capnione vestustissimum Codicem, Commentarium habentem in hoc opus. Ex e o contextus verba describeenda curavimus. In calce vero scribarum incuria deerant haec: *Et si quis diminuerit de verbis libri Prophetiae huius, auferet Deus partem eius de libro Vitae et de Civitate sancta, et de his, quae scripta sunt in isto libro* . Sensimus autem scribam per eam seasonem errasse, quod quum bis ponatur *em isto libro*, ille ad posterius oculos deflexerit, relictis quae sunt in medio. Siquidem ad nullum lapidem frequentius impingunt librarii. Dubium non erat, quin essent omissa, et erant perpauca. Proinde nos, ne hiaret lacuna, ex nostris Latinis supplevimus Graeca, Quod ipsum tamen non noluimus latere lectorem, fassi em Annotationibus, quid a nobis esset factum, vt si quid dissiderent verba nostra ab his, quaeuisset autor huieritus exemplus operis, lector n . ”

Tradução: “Visto que o Livro do Apocalipse nunca foi particularmente adequado aos gregos, raramente é encontrado entre eles. E assim, como queríamos que a nossa Edição [10](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote10sym) fosse omissa em nada, com considerável esforço extorquemos daquele Ilustre João Capnio [11](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote11sym) um códice muito antigo, que continha um Comentário a esta obra. A partir disso, pudemos garantir que as palavras que pertencem umas às outras foram transcritas corretamente. Mas no final [12](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote12sym) as seguintes palavras estavam faltando por um erro de escriba: 'E se alguém tirar as palavras da profecia deste livro, Deus tirará sua parte do livro da Vida e da Cidade Santa, e daquelas coisas que são escrito neste livro. ' Mas nossa impressão foi que um escriba cometeu um erro naquele caso, visto que, como as palavras 'neste livro' ocorrem duas vezes, seus olhos passaram involuntariamente para a última ocorrência, omitindo assim as frases intermediárias. E, de fato, os escritores de livros não cometem erros com mais frequência do que isso. Não havia dúvida de que essas palavras foram omitidas por engano e que seu número era pequeno. Portanto, para evitar uma lacuna no texto, fizemos bom o grego de nossas cópias latinas. Mas como não queríamos que isso escapasse à atenção do leitor, mencionamos o que havíamos feito nas anotações,

Erasmus, incidentalmente, nota aqui que “palavras que pertencem umas às outras” (contextus verba) podem ser descobertas usando o comentário do manuscrito Reuchlin. O entrelaçamento do texto bíblico e do comentário foi imaginado pelos críticos de Erasmo como um obstáculo à obtenção da leitura verdadeira (como se as palavras do comentário pudessem ser, e fossem, confundidas com o texto bíblico de Erasmo), quando, em de fato, essa era a razão pela qual ele o valorizava particularmente: pois se, por algum erro do escriba, a redação do próprio texto do Apocalipse tivesse se corrompido, o comentário entrelaçado garantiria, por sua descrição discursiva, o que a leitura original deveria ter sido. Erasmo nos mostra como ele o usou a seu favor na passagem do livro do Apocalipse a respeito da igreja de Éfeso (Apocalipse 2. 3). Conforme reproduzido no códice de Reuchlin, o texto dizia*ebaptisas*, “Tu batizaste”, quando o comentário no mesmo códice não mostrou nenhuma referência ao batismo. Portanto, Erasmo suspeitou, corretamente, de um erro de escriba, embora ele não tenha sido capaz de restaurar a leitura correta em sua primeira edição. Além disso, conforme comprovado quando o códice de Reuchlin foi redescoberto por Delitzsch em meados do século XIX, o comentário foi atribuído nesse códice a Hippolytus c. 200 DC. É por isso que Erasmo o valorizou muito, já que se poderia presumir que refletisse a exegese dos pais sub-Apostólicos pré-Nicenos da escola do próprio São João, o autor do Livro do Apocalipse, Hipólito sendo o discípulo de Irineu, Irineu de Policarpo e Policarpo de São João. Embora o comentário tenha sido retrabalhado por Andreas e Arethas em tempos muito posteriores, parece haver boas razões para duvidar de que seja, de fato, em sua forma mais básica e original,

Wetstein prosseguiu citando a outra passagem da Apologia de Erasmus dirigida a Lee (citada como “Antuérpia 1520”) na qual Erasmus falava sobre a mesma porção perdida do texto grego no final do Livro do Apocalipse. Esta passagem detalhou como, quando ele estava ausente da Basiléia, e tinha apenas o texto de Reuchlin disponível para ele, Erasmus ainda não foi capaz de fornecer o versículo que faltava em grego, porque o texto de Reuchlin omitiu vários "versos" no final do Livro da revelação. Ele então enviou uma cópia editada do texto grego de Reuchlin aos seus companheiros editoriais, de forma que o grego pudesse ser inserido no lugar apropriado, e dizendo aos seus editores que eles deveriam fornecer este grego ausente da “edição Aldine”. Aqui, Erasmo estava se referindo ao Testamento grego sendo preparado naquela época pela família e amigos do impressor Aldus em Veneza. Este texto de Aldine não foi publicado até 1518, um ano completo ou mais após a primeira edição de Erasmus de 1516, mas estava em preparação vários anos antes. Foi baseado, em parte, em manuscritos diferentes daqueles usados ​​por Erasmus. Neste caso, claramente, Erasmus tinha informações de que a edição de Aldine continha o verso que faltava e, de fato, na edição de Aldine de 1518, como finalmente publicada, Apocalipse 22. 19 é idêntico ao texto da primeira edição de Erasmus. Em vista da rapidez com que Erasmo providenciou a impressão de sua primeira edição, é provável que a falta de leitura grega tenha sido transmitida aos co-editores de Erasmo na Basiléia por carta de Veneza. Agora sabemos onde Erasmo obteve seu texto grego para o único verso que faltava em suas outras cópias gregas e que estava ausente (com todo um conjunto de versos) no códice de Reuchlin por causa da última página que faltava: Colaboradores de Erasmo adquiridos do Testamento grego de Aldine em sua forma não publicada. Houve anotações de acompanhamento no processo editorial, dizendo ao leitor que o latim era um expediente temporário. Toda esta seção foi mal interpretada de forma semelhante por Wetstein, e além de presumir que Erasmo foi "retrotraduzido" do latim em sua primeira edição como publicado, ele também, embora menos importante, viu uma contradição entre as "poucas palavras" do verso único que faltava , de acordo com a primeira citação, e os vários “versos” mencionados na segunda, embora Erasmo estivesse falando sobre episódios diferentes: o primeiro relacionado aos códices gregos (plural) referidos constantemente por Erasmo, que omitiu o único versículo citado aqui, e o segundo ao único códice de Reuchlin, que omitiu todos os últimos versos. Claro, a confusão existia apenas na mente de Wetstein, e resultou de ele engolir a mentira original de que Erasmus tinha acesso a não mais do que um único manuscrito.

Novamente as próprias palavras de Erasmus em latim são seguidas por uma tradução (Wetstein ibid., P. 332, citando Erasmus 'Apologia ad Leum, Antuérpia, 1520 [sem números de página]):

“Em calce Apocalypsis in exemplari, quod tum nobis erat vnicum, nam is liber apud Graecos rarum est inuentu, deerat una atque alter versus. Eos nos addidimus secuti Códices latinos. Et erant eiusmodi, vt ex his, quae praecesserant, possent reponi. Cum igitur Basileam mitterem reconhecitum exemplar, scripsi amicis, vt ex editione Aldina restituerent eum locum. Nam mihi nondum emtum erat hoc opus. Id ita, vt iussi, factum est. ”

Tradução: “No final do Livro do Apocalipse, na cópia que naquela ocasião era a única disponível para nós (pois esse livro é raramente encontrado entre os gregos), faltava mais de um versículo. Aqueles que adicionamos seguindo os códices latinos. E foi feito de tal maneira que eles puderam ser restaurados ao seu devido lugar, seguindo aqueles que o precederam. Portanto, quando enviei uma cópia revisada para a Basiléia, escrevi a meus companheiros que deveriam restaurar aquela passagem da edição Aldine. Pois essa obra ainda não estava em minha posse. Foi feito exatamente como eu pedi. ”

Erasmus se refere em ambas as citações ao fato de que ele forneceu a lacuna *inicialmente* dos códices latinos, aguardando a obtenção do texto grego Aldine. Essas passagens foram escritas em resposta à acusação injustificada de Lee, de que a referência de Erasmus a “fornecer” as palavras que faltavam dos manuscritos “latinos” em suas Annotationes significava que ele era culpado da própria “retradução” que ele condenou. Erasmo assim esclareceu a breve declaração nas Anotações. Se algum de seus co-editores tivesse mencionado o expediente temporário do latim, ele poderia ter sido injustamente aproveitado por seus inimigos como evidência de “retrotradução”. Ao descrever seu procedimento editorial minuciosamente, Erasmus pode ter esperado dissipar quaisquer dúvidas decorrentes daquela ambigüidade.

Deve ser dito aqui Wetstein, como Bengel, tinha razões próprias para questionar a autenticidade do texto publicado por Erasmus. Wetstein tinha crenças socinianas (“arianas”), opostas à doutrina da divindade de Cristo. Isso naturalmente o levaria a rejeitar leituras no Texto Recebido que apóiam essa mesma doutrina. De acordo com o próprio Wetstein, foi sua visita a Bentley na Inglaterra que inspirou Bentley a rejeitar o texto de Erasmo em favor de um texto semelhante à Vulgata. As teorias de Bentley encontraram forte oposição na Inglaterra do século XVIII, e Wetstein caiu em desgraça também no continente quando suas simpatias socinianas se tornaram conhecidas.

A seguir, citações de Tregelles no século XIX, mostrando como ele aproveitou a especulação de Bengel, como Wetstein havia feito no século XVIII, e a transformou, em seu caso, no mito crítico-textual predominante, a própria pedra angular do século XIX. assalto do século no Textus Receptus, que Erasmo “retraduziu” do latim. (Minhas ênfases em itálico.) Note-se que este é o mesmo Tregelles que resistiu veementemente à afirmação de Erasmo de que os manuscritos gregos haviam sido corrigidos deliberadamente para concordar com o latim. Cito (Um relato do texto impresso do Novo Testamento grego, Londres, 1854, p. 21):

“ *Para o Apocalipse ele* [13](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote13sym) *tinha apenas um manuscrito mutilado, emprestado de Reuchlin, no qual o texto e o comentário foram misturados quase ininteligivelmente. E assim ele usou aqui e ali a Vulgata Latina como seu guia, retraduzindo para o grego da melhor maneira que podia. Este foi o caso com relação aos últimos seis versos, que da condição mutilada de seu manuscrito. estavam totalmente carentes* . "

*Meus comentários* : A falácia total dessas afirmações foi demonstrada *supra* . Observe que Tregelles, neste caso, não cita o latim de Erasmus, como ele faz nos dois casos *abaixo* , talvez porque Erasmus use o plural "exemplaribus" ("cópias") em sua própria descrição de como ele comparou as leituras em *vários Os códices gregos* com os textos latinos mais completos no final do Apocalipse mostram claramente, para qualquer mente imparcial, que ele tinha mais do que o códice grego de Reuchlin à sua disposição. Se essa é a verdadeira razão para a falha de Tregelles em citar Erasmus literalmente, então ele deve ser julgado malicioso, ao invés de meramente ignorante, em seu ataque mordaz. A improbabilidade de que Tregelles entendeu mal a importância do latim de Erasmus nos dois casos referido como “prova” *infra* , aponta inevitavelmente na mesma direção, embora contrariando a postura habitual de Tregelles, que era a de um fervoroso defensor do inspirado texto original, como ele o imaginava, subjacente às nossas cópias presentes. O relato contaminado de Tregelles foi adotado sem crítica, em vista da reputação de que ele gozava, mesmo por estudiosos de uma persuasão mais conservadora, que de outra forma seriam considerados defensores do Textus Receptus.

Continuando a citação de Tregelles (ibid.): “Em outros lugares, também, ele [14](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote14sym) usou a Vulgata latina para fornecer o que supôs ser deficiente em seu MSS., Da mesma maneira que os editores complutenses fizeram, apenas com maior frequência….

(Ibid. P. 23 :) “Na *prova de* que Erasmo às vezes usava a Vulgata para emendar seu manuscrito grego, onde ele os considerava defeituosos, precisamos apenas recorrer a suas anotações como *prova* . Assim, Atos ix. 5, 6, encontramos nas anotações: “Durum est tibi.) In graecis codicibus id non adur hoc loco, cum mox sequatur, Surge; sed aliquanto inferius, cum narratur haec res. ” [15](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote15sym) E ainda em seu texto há a passagem completa, respondendo ao latim, [16](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote16sym) *skleron soi pros kentra laktizein* : *tremon te kai thambon, eipen, kurie ti me theleis poiesai* ? *kai o kurios pros auton, anastethi,* [17 em](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote17sym) vez da simples leitura *alla anastethi.* *[18](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote18sym)* ”

*Meus comentários* : Tregelles não consegue traduzir o latim de Erasmo, que ele considera ser "prova" de que Erasmo traduziu de volta da Vulgata latina, mas o latim significa literalmente: "É difícil para ti). Nos manuscritos em forma de livro grego que é não adicionado, que segue presentemente, Levante-se; mas aparece um pouco mais adiante, quando a narrativa chega a esse ponto. ” O que Erasmo está comentando é o relato da conversão de Paulo, ou Saulo, - como ele era conhecido na época, - onde Jesus apareceu em uma luz sobrenatural e disse a Paulo: “Eu sou Jesus a quem você persegue. É difícil para você (Paul) chutar contra as picadas. Tremendo e pasmo, ele (Paulo) disse: Senhor, o que queres que eu faça? E o Senhor disse-lhe: Levanta-te, e vai à cidade [Damasco], e lá te será dito o que tens de fazer. ” O que Erasmo está dizendo é que os manuscritos em forma de livro grego aos quais ele teve acesso não tinham a frase "Levante-se, etc ..." imediatamente após a frase "Eu sou Jesus a quem você persegue", mas um pouco mais tarde, com frases intermediárias, " É difícil para você… Tremendo e pasmo etc.… ”, seguindo uma e precedendo a outra. Isso é tudo. Erasmo, em outras palavras, sabia de textos que omitiam as frases intermediárias, e ele está notando que suas cópias gregas as incluíam e, portanto, ele as reteve. E essa é claramente a leitura verdadeira, porque do contrário teríamos uma justaposição absurda: “Eu sou Jesus a quem vocês perseguem. Mas levanta-te, vai para a cidade, etc.…. ”, Tanto quanto para dizer:“ Sim, você está me perseguindo, mas, deixa pra lá, Saulo, vá para Damasco e eu te direi que você pode fazer por mim no futuro ”! Tregelles muda completamente o significado de Erasmus e, surpreendentemente, o leva a dizer que suas cópias gregas*não* inclua toda a passagem que segue a frase “Eu sou Jesus, a quem você persegue”, ou seja, a combinação de frases “É difícil para você…. etc., por meio de Tremendo e sacudindo etc.,… ”até“ Levantar, etc.… ”, e que, portanto, ele traduziu de volta o grego exigido da Vulgata latina! Toda a transação é uma fantasia. Na verdade, Erasmo não faz menção ao latim aqui em qualquer contexto, e ele pode estar se referindo a textos gregos, ou textos em alguma outra língua, ou citados por autores antigos, que omitiram as frases intermediárias. O fato de a Vulgata coincidir neste caso com os textos gregos de Erasmo é uma irrelevância. Tregelles presume, e só pode ser porque ele quer presumir, Erasmus traduziu de volta.

Continuando a citação de Tregelles (ibid.): “De novo, em Atos viii. 37, a nota é: “Dixit autem Philippus, Si credis & c.) Et usque ad eum locum. Et jussit stare currum, non reperi em Graeco codice, quanquam arbitror omissum librariorum incuria. Nam et haec em quodam codice graeco asscripta reperi sed na margem. ” [19](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote19sym) E este versículo, por menor que seja sua pretensão de ser considerado parte da Sagrada Escritura, foi inserido por Erasmo, como sendo supostamente omitido incorretamente em seu MSS; e a partir de sua edição, esta e outras passagens semelhantes foram perpetuadas, como se fossem, sem dúvida, genuínas. ”

*Meus comentários*: Mais uma vez, Tregelles inventa uma “retrotradução” quando Erasmus está falando sobre outra coisa. Erasmus diz que esta passagem foi omitida no "manuscrito em forma de livro grego" (singular), isto é, aquele que ele tinha seguido principalmente até aquele ponto (porque é conhecido, e amplamente reconhecido, ele tinha mais de um para Atos) , mas ele “também” o encontrou escrito “neste lugar” (asscripta significa literalmente “escrito em”, isto é, como o contexto mostra “escrito neste lugar”) em um manuscrito em forma de livro “na margem”. Seu uso da palavra “também” no início da última frase mostra que ele a encontrou em pelo menos um outro manuscrito grego, e ali no corpo do texto. A fantasia de Tregelles se dissolve em face do que Erasmus realmente diz, mas aqui, também, Tregelles falha em fornecer uma tradução do latim de Erasmus e o leitor pode presumir que ele representou justamente o sentido de Erasmus. Uma leitura casual do latim, junto com as afirmações confiantes de Tregelles, pode dar alguma credibilidade ao seu mito na mente de um estudante descuidado, mas desde as duas passagens em latim*supra* sozinho são citados como "prova" para a depreciação de Tregelles da notável realização de Erasmo, o latim certamente deveria ter sido examinado mais de perto pelos estudiosos, e em alguns casos, grandes estudiosos, que seguiram cegamente a crítica destrutiva de Tregelles.

Tregelles conclui seu assassinato textual de Erasmo elogiando prodigamente o texto complutense produzido pelo cardeal Ximenes como um contraste (ibid.): “Em tais casos, encontramos repetidamente os editores complutenses, apesar de sua reverência pela Vulgata, dêem ao grego como eles encontraram em suas cópias; embora, por seu modo de edição, eles devessem estar muito bem cientes da diferença entre ele e o latim ao lado; onde, de fato, eles preenchem a coluna grega de maneira a tornar a variação visível. Em tais lugares, se o texto complutensiano já tivesse adquirido um lugar de uso comum, os muitos que hoje defendem o que lêem, tradicionalmente, apenas porque estão acostumados a isso, teriam sido tão árduos em repudiar palavras tão espúrias quanto agora estão em defendê-los como genuínos. ”

Quando o códice de Reuchlin foi descoberto por Delitzsch em meados do século 19, era de se esperar que as conjecturas construídas sobre o mito de que essa era a única autoridade de Erasmus para o Apocalipse ser exposta pelas fantasias que eram. Isso não era para ser. Ao contrário, Delitzsch caiu no molde do crítico de texto pseudo-racionalista que empunha machado, Erasmus, anti-Textus-Receptus e pseudo-racionalista que está na moda por Tregelles. Os dois formaram uma espécie de aliança crítica do texto, cujo único propósito, até onde é evidenciado pela escassa informação publicada imediatamente após a descoberta, era diminuir o uso do códice de Reuchlin por Erasmus. Dada a sua importância histórica, uma edição profissional do texto é o mínimo que eles poderiam ter fornecido, mas algumas notas superficiais foram, no caso, que foram oferecidas ao público. Nesses, no entanto, nenhuma oportunidade foi perdida para dar um golpe em Erasmus. O obscurantismo de Delitzsch em seu tratamento do trabalho editorial de Erasmus é notável. É uma reminiscência da atitude de Tregelles, refletida nas citações feitas*supra* , embora o tom tenha mudado de ilustração e demonstração para de afirmação confiante e fato inegável. Mais de uma vez, Delitzsch contradiz as declarações claras de Erasmo de que ele empregou várias *cópias* (plural) do Apocalipse, e insiste que tinha apenas o códice de Reuchlin. O tratamento de Delitzsch pode ser encontrado em Handschriftliche Funde, Heft 1, Leipzig 1861. Ele marca pontos de interesse no códice de Reuchlin vis- à -vis o texto de Erasmus. Imediatamente, em Apocalipse 1. 2, Delitzsch cita o comentário de Erasmo de que ele encontrou uma pequena passagem nos “ *códices* gregos *[20](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote20sym)*”Isso não estava nas cópias latinas, mas ele se recusa a aceitar a declaração em face disso, uma vez que Erasmo, ele assume como uma coisa natural,“ só tinha o códice de Reuchlin ”. Ele, portanto, imagina que Erasmo deve estar se referindo aqui, indiretamente, aos manuscritos gregos usados ​​por Valla, cujo comentário com notas foi altamente valorizado por Erasmo. Novamente, em Apocalipse 1. 7, Erasmo observa em sua edição de 1527: “Esta é a leitura nas *cópias* gregas de [*21*](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/#sdfootnote21sym) 'reis e sacerdotes'. [22](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote22sym) Também a cópia espanhola tinha 'reino' para 'reis' [23](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote23sym) ”. Sobre esta declaração bastante direta, Delitzsch comenta, sem delongas, “The Graeca exemplaria [24](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote24sym) são simplesmente o Reuchlin Codex ”! Outra recusa em branco em aceitar a afirmação factual de Erasmo de que ele usou várias cópias gregas para o Apocalipse. Da mesma forma, em Apocalipse 10. 2, Delitzsch observa: “ *Biblaridion* *[25](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote25sym)* ' *Livrinho* ' ... Em edições posteriores das Annotationes, Erasmo diz, não tão francamente como estava acostumado, [26](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote26sym) 'Certos [27](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote27sym) tiveram *biblaridion* .'” Sobre esta afirmação inocente , Delitzsch faz o comentário esperado: “Estes *quidam* *[28](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote28sym)* são simplesmente o Reuchlin Codex ”. As pontificações de Delitzsch citadas aqui estão à parte das observações depreciativas espalhadas sobre os métodos e motivos de Erasmo, e as calúnias totalmente ilusórias lançadas sobre ele nas extensas notas de Apocalipse 22. 16ss., Onde ele é imaginado, é claro, ter “retrotraduzido” da Vulgata latina. Seria difícil imaginar um *tour de force* menos imparcial e criticamente neutro em termos de texto .

[1](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote1anc) Latina essentia = grego hipóstase = “ser”.

[2](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote2anc) Tregelles.

[3](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote3anc) Minha ênfase.

*[4](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote4anc) Sic.*

*[5](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote5anc) Sic.*

[6](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote6anc) Minha ênfase.

[7](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote7anc) Viz. o livro do Apocalipse.

[8](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote8anc) Minha ênfase.

[9](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote9anc) Minha ênfase.

[10](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote10anc) Ou seja, a primeira edição de Erasmus do texto grego.

[11](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote11anc) Reuchlin.

[12](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote12anc) Do Livro do Apocalipse.

[13](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote13anc) Erasmus.

[14](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote14anc) Isto é, Erasmus.

[15](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote15anc) O latim [de](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/#sdfootnote15anc) Erasmo significa literalmente: “É difícil para ti) Nos manuscritos em forma de livro grego que não é adicionado, que segue presentemente, Levanta-te; mas aparece um pouco mais adiante, quando a narrativa chega a esse ponto. ”

[16](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote16anc) As seguintes passagens em itálico estão na escrita grega em Tregelles.

[17 O](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote17anc) que significa: “[Jesus fala] É difícil para você [Paulo] chutar contra as picadas. E trêmulo e pasmo, ele [Paulo] disse: Senhor, o que queres que eu faça? E o Senhor disse-lhe: Levanta-te. ”

[18](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote18anc) Que significa “Mas levante-se”.

[19](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote19anc) Erasmus 'latim significa: “Agora Filipe disse, se você crê, etc.) e assim por diante para aquele lugar no texto' E ele ordenou que a carruagem parasse 'Eu não encontrei no manuscrito em forma de livro grego, embora Acho que foi omitido por meio de um deslize do escriba. Pois eu achei isso também escrito neste lugar em um certo manuscrito em formato de livro grego, mas na margem. ”

[20](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote20anc) Plural, grifo meu.

[21](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote21anc) Plural, grifo meu.

[22](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote22anc) Na escrita grega.

[23](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote23anc) Na escrita grega.

[24](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote24anc) “Cópias gregas.”

[25](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote25anc) Na escrita grega, em vez de *Bibliaridion* , ambos significando “livrinho”.

*[26](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote26anc) Sic.*

[27](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote27anc) Latin *quidam,* no número plural, viz. cópias.

[28](https://www.christianhospitality.org/wp/bible-fraud7/%22%20%5Cl%20%22sdfootnote28anc) 'Certo' viz. cópias.